



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no Conselho Nacional de Segurança Alimentar

Palácio do Planalto, 25 de março de 2003

Alguns companheiros que participam do Consea, hoje, já participaram em 1993, quando nós fizemos o Programa de Segurança Alimentar, à época coordenado pelo companheiro José Gomes da Silva.

Eu não tenho dúvida de que está certa a propaganda que vai entrar na televisão — não sei quando, mas um dia vai entrar — que diz que nós queremos ensinar as pessoas a pescarem e não lhes dar o peixe. Ou seja, estamos tentando passar para a sociedade a idéia de que o combate à fome e à miséria será alcançado na sua plenitude pelas reformas estruturais que precisamos fazer no país.

Nós já inventamos a palavra “estruturante”, viu, Plínio. Você tem que ver, na reunião dos ministérios, como é que estão as palavras. Agora tem “transversalidade”, tem “estruturantes”! Esses dias eu fiz um ministro traduzir e ele teve dificuldade. Mas nós temos consciência de que todos os passos que estamos dando é no sentido de termos as reformas de que o Brasil necessita, para que se possa ganhar o que comer às custas do trabalho, porque no fundo, é isso que dá dignidade a qualquer ser humano. Eu nunca fiquei na fila para pegar comida, mas eu ficava na fila para pegar presente de Natal. É a mesma coisa. E, quando chegava na hora, acabava o brinquedo, e eu voltava para casa sem o brinquedo e com a frustração.

A comida deve ser pior. Primeiro, porque as pessoas não têm coragem de dizer que estão com fome. Quem tem fome, normalmente, não afirma que está com fome. As pessoas têm vergonha, as pessoas têm medo. Imagine uma menina de 16 anos ou um menino de 17 anos que quer ir numa festinha com os amigos, dizer: eu não almocei hoje porque não tem comida. Ele jamais vai dizer, ele vai com fome, mas não vai dizer.



A gente costumava fazer discurso na porta da fábrica e, para provocar a peãozada, dizíamos que o cara — como é, Maria — “comia mortadela e arrotava peru.” Ou seja, por ele não ter coragem de dizer que estava com fome, ele então inventava coisas.

Então, o combate à fome tem que levar em conta essa necessidade primeira. Depois, há todas as discussões que temos que fazer, de ir realizando as reformas, aprofundando o crédito — eu espero que o trabalhador não precise entrar em um banco, que pegue o dinheiro nas cooperativas, que estão mais próximas dele. Nós ainda vamos fazer esse país virar o maior país cooperativista do mundo, se Deus quiser, se vocês ajudarem, e o Banco do Brasil também.

Nós precisamos, neste momento, ter em conta o seguinte: possivelmente, nenhum de nós tinha consciência de que, ao lançar a questão da fome, no discurso de posse, isso tivesse a repercussão que teve. A sociedade brasileira, independentemente do setor, realmente assumiu para si a responsabilidade de que era uma tarefa que não cabia a um governo, mas cabia a ela também. E, a partir daí, a demanda de pessoas que querem fazer as coisas, que querem ajudar, é muito maior do que a nossa capacidade de atendimento. Esse é um dado concreto e objetivo.

Nós temos que olhar o que aconteceu na primeira campanha, quando criamos o Consea, quando o Betinho virou coordenador. O Consea ele sobreviveu um tempo às custas das instituições públicas: Banco do Brasil e outras empresas estatais que criavam comitês. Bom, se quiséssemos criar isso, seria muito fácil. Mas achamos que criar comitês simplesmente subordinados ao Estado, com funcionários do Banco do Brasil, seria uma coisa falsa, porque se muda o Governo, acaba. E nós queremos que a sociedade brasileira se engaje no compromisso de que pode ter mais força do que o próprio Governo para fazer com que a política de solidariedade aconteça num momento em que as pessoas precisam de solidariedade. E a verdade é essa: quem está com fome não quer ouvir discurso, não quer ir para comício, quem está com fome quer comer. E de um jeito ou de outro, nós vamos ter que levar comida na casa



dessas pessoas.

Bem, o que está acontecendo, concretamente: Precisamos criar uma rede, eu diria, de confiança da própria sociedade. Precisamos repetir os Conseas nos estados e nos municípios. Precisamos envolver o prefeito, o padre, o sindicalista, os estudantes, o pastor, o juiz de Direito. Precisamos envolver o que tem de mais vivo na cidade, para que eles possam começar a virar referência na discussão da questão da fome. Porque a fome para nós — eu não sei se é para todo mundo — ainda é um número. Na verdade, o faminto está disperso por 8 milhões e meio de quilômetros quadrados e não sabemos concretamente em que rua ele está e qual o endereço dele. Ainda não temos isso.

Do ponto de vista teórico, isso seria muito fácil. Imaginem se cada prefeito desse país resolvesse fazer na sua cidade um levantamento das pessoas que estão passando necessidade, e se nós pudéssemos mandar os alimentos diretamente para as casas dessas pessoas. Ou que uma empresa pudesse adotar duzentas famílias que estão com fome em uma cidade, ou se uma prefeitura pudesse adotar uma outra cidade, como Diadema adotou Itinga, lá em Minas Gerais. Ou que nós, que temos tantas “cidades-irmãs” da Europa para com o Brasil, pudéssemos colocar pessoas importantes do Consea, do Governo, para viajar e falar para os alemães, para os franceses, para os italianos, para os ingleses; “Vocês poderiam, ao invés de fazer “cidades-irmãs” para ganhar títulos, fazer uma cidade-irmã e assumir.” Ajudar a combater a fome na cidade, ajudar a alfabetizar a cidade, fazer as coisas mais práticas, mais concretas, mais objetivas, para colhermos um resultado daqui a algum tempo.

E porque eu acho que a sociedade tem que assumir? O Graziano começou a citar 37 mil postos de atendimento. Ele ainda não falou dos 3 mil postos de gasolina da Petrobrás, dos 3 mil postos da Shell, das 10 mil lojas da Fenabravi que vende automóvel que estão dispostos a receber alimentos. Bom, primeiro tem que haver uma campanha de doação de alimentos e, depois, a responsabilidade de doar esses alimentos, para cheguem à casa de alguém com fome. Não haverá nada pior para



nós do que alguém dizer que recebeu e não teve alguém que foi pegar, ou dizer que o alimento estragou.

E vejam o que é grave: apesar de sabermos, temos sempre que atacar do mais miserável para o menos miserável, começando por quem está na pior e ir chegando até onde não precisar mais. É importante que termos uma ação combinada e saber o seguinte: hoje, possivelmente, uma grande Belo Horizonte tem mais famintos do que algumas cidades do interior que consideramos pobres; hoje, em São Paulo — quem é de São Paulo sabe —, a fome campeia uma boa parte da periferia.

Agora, o dado concreto é que não temos um número. Eu me lembro de que, uma vez, no Sindicato, nós denunciávamos que os trabalhadores comiam rato na favela do Alves Dias. Foi um escândalo. A pessoa lia o jornal e achava que a gente era xiita: “Onde já se viu dizer que as pessoas comem rato?” E comiam. Em Quipapá, Pernambuco, quando fui pela primeira vez, com Jarbas Vasconcelos, Marcos Freire e Cristina Tavares, entramos numa casa que tinha uma família comendo rato. E não era preá, era rato mesmo.

Mas acho que a situação só piorou de lá para cá. Não melhorou. Então, o Consea pode, em algum momento, realizar uma grande discussão e tentar saber como é que nós vamos criar os Conseas municipais, como vamos fazer com que cada cidade se sinta motivada a se organizar. A sede do Consea pode ser a sede de um sindicato na cidade, pode ser a paróquia da Igreja, pode ser a Igreja Evangélica, pode ser a sede de um Rotary, de um Lions. Ou seja, não tem que ter segredo neste momento. O que nós precisamos é ter um ponto de referência onde as pessoas que queiram trabalhar se juntem e assumam o seguinte compromisso: “nós vamos fazer com que essas pessoas comam”.

E acho que esse é um trabalho gigantesco, porque não temos o direito de jogar fora as oportunidades que estão surgindo para nós. O Graziano deve ter comunicado a vocês o que o Pão de Açúcar fez hoje. Ainda não? Depois, você vai dizer o que a Nestlé está disposta a fazer, depois, o que a Volkswagen fez. E não é



apenas a questão do combate à fome. É o combate à fome, é o primeiro emprego. Ou seja, há uma maré positiva, há uma corrente muito positiva. E nós temos que aproveitar isso com unhas e dentes, para fazer a coisa acontecer.

Eu fico imaginando: na capital de São Paulo, cada bairro tem uma Igreja católica ou evangélica; cada bairro tem um comitê do PT ou de outro partido político. Ou seja, a sociedade já está organizada. O que precisamos é tentar canalizar essa organização para um movimento, que se ouve falar na televisão, mas para o qual ainda não se recebeu orientação de como se deve participar, de como fazer as coisas.

Acho que esse trabalho da política de combate à fome, tenho dito ao Graziano todo dia, tem dois momentos. Um momento vocês discutiram agora, que é a questão estruturante, são as coisas que vão acontecendo e que vamos começar a colher daqui a 6, 7, 8 meses, algumas até daqui a um ano, dois anos. Mas tem a questão imediata, que está passando na nossa porta. Todo dia alguém liga, alguém telefona, alguém anuncia, alguém fala: “Olhe, tal pessoa quer dar alguma coisa e não sabe como fazer”. Temos que criar esse mecanismo de captação urgentemente, seja do recurso financeiro, seja da doação de alimento.

Desculpem-me, aqui, os meus adversários futebolísticos, mas vocês viram a faixa com que o Coringão entrou no campo, domingo? “A nossa guerra é contra a fome”. A Seleção Brasileira não vai entrar, agora, em Portugal com “Nossa guerra é contra a fome”, porque Portugal aderiu ao Bush nessa coisa. Mas a Seleção Brasileira vai entrar com uma marca do combate à fome. Já entrou na China, quando jogou lá. Todos os times de futebol podem fazer isso, se a gente pedir. O São Paulo Futebol Clube ofereceu o Morumbi, uma segunda-feira por mês, se quisermos fazer um show para arrecadar finanças. Então, vejam, o Corinthians ofereceu a coisa pronta, a vitória.

E, por último, eu quero dizer o seguinte: acho que o momento mais difícil do projeto de combate à fome, na minha opinião, já passou. Aprendi, desde pequeno, que não tem nada pior na relação humana do que a inveja. Isso é mortal. E acho



que um projeto que teve a repercussão desse, começou a ter problemas aqui, problemas ali, problemas menores que ficavam maiores, e foi-se criando problemas e problemas.

E vocês sabem que, quando o problema parte de dentro de nós, ganha mais sabor para a imprensa, mais destaque, e vai por aí afora. Se vocês analisarem, grande parte das críticas ao Fome Zero saíram de dentro de nós mesmos, não foram os estranhos. São coisas que a gente resolve com cinco minutos de conversa. Não que as coisas não devam ter críticas, podem ter. Mas temos que saber se ao fazer críticas, queremos construir ou destruir. Essa é a diferença básica.

E esse Programa vai em frente e vai dar certo porque, se não der certo, se por algum motivo a gente fraquejar e achar que ele não vale, eles nos derrotarão. Mas não vão nos derrotar. Vamos fazer esse Programa ser um sucesso nesses próximos anos, podem ficar certos disso. Vamos fazer esse Programa ser um sucesso, porque eu nunca vi na vida – e olhem que estou na política há 30 anos – a sociedade brasileira tão motivada.

Eu acho que precisamos fazer, companheiro Graziano, em algum momento, Marinho, você que é presidente do Consea, uma reunião onde a gente defina claramente como conversar com os 5 mil prefeitos e as igrejas do Brasil. Bom, muita gente já está nos procurando para conversar, antes da gente procurá-los. Mas precisamos ver como vamos organizar as Direções, para que tenham coordenador e saibam o papel do ministro, o papel do Presidente do Consea. É preciso saber o endereço de cada companheiro que está no Consea municipal para, no caso de qualquer problema, se resolver via telefone, bastando ligar: “Olhe, nós precisamos de um caminhão. Está faltando aqui 30 toneladas de arroz.” Essa coisa precisa ter endereço e ter uma forma de fazer chegar rapidamente.

Acho que a gente não pode perder essa chance. Então, Marinho, essa discussão... não sei se é o IPEA, se é o IBGE, se é o ministro, se é o Presidente da República, quem é, mas nós temos que mapear quem está com fome em cada cidade. Essas pessoas têm endereço, muitas têm residência fixa, e precisamos



descobrir essa gente.

Às vezes, o cara está no semi-árido e está comendo. E, às vezes, o cara está a 10 metros da Praça da Sé e está com fome. Temos a estrutura do ministério da Saúde, com milhares de agentes de saúde, ou seja, temos uma estrutura enorme. O movimento sindical pode contribuir, vamos colocar esses dirigentes sindicais para trabalhar fora das datas-base e não na porta da fábrica, porque o que está na porta de fábrica está comendo. Eles têm que procurar os companheiros que ficaram desempregados e que a gente não sabe onde estão.

Então, temos um monte de trabalho para fazer e é preciso uma orientação. E essa orientação não pode ser institucional, não pode ser do Governo, tem que ser da sociedade civil. Vocês têm que dizer para nós: “O que nós queremos do Governo é o seguinte: para reformas estruturais, nós queremos isso. Agora, para a luta da sociedade civil, o que nós queremos? Usar armazém da Conab para guardar os alimentos; a sede do Banco do Brasil, da Caixa Econômica, dos Correios, de qualquer coisa”. Esse é o nosso papel: ajudar.

Agora, para organizar a sociedade tem que ser vocês. Desculpem-me, mas não pode ser o Presidente da República, nem tampouco o ministro. Tem que ser a sociedade civil. Sabe por quê? Porque, se a gente conseguir organizá-la fora da estrutura oficial do Governo, nós estaremos criando uma rede de sustentação para outras coisas que precisamos fazer neste país e que jamais tivemos.

E a coisa é urgente. Por exemplo, o Graziano vai ao Mato Grosso do Sul, dia vinte e pouco, entregar a cesta básica, o cupom em um assentamento dos Sem-Terra. Não é possível. As pessoas não podem ter ocupado uma terra para a gente ficar, depois, dando cesta básica. Temos é que fazer com que aquilo se torne produtivo. A gente demarca a terra dos índios e tem que levar cesta básica porque se demarcou, mas eles estão lá, sem ter o que fazer na vida.

Bem, essa é uma parte do que o Governo pode fazer. Agora, a organização, só vocês. Eu queria que vocês ganhassem um tempo numa reunião aqui ou constituíssem um grupo de trabalho que pudesse apresentar, na próxima reunião,



uma forma concreta de melhor utilizar o potencial da sociedade. Cabe a nós convencê-los a vir conosco.

Acho que o que vimos na Volkswagen, ontem; o que vimos na Mercedes, outro dia; o que vimos, hoje, com o Pão de Açúcar e com a Nestlé é apenas uma demonstração do potencial que tem a sociedade. Imaginem quando cada Igreja deixar de pedir dízimo um dia para pedir um quilo de feijão, um quilo de arroz. O Pão de Açúcar está descontando no contracheque de cada trabalhador uma quantia simbólica: 50 centavos por trabalhador, descontados em folha, para o projeto Fome Zero dos funcionários, com a autorização destes. Imaginem se a gente conseguir isso no Brasil inteiro, o que poderemos fazer?

Então, era essa a sugestão que eu queria fazer, ou seja, nós precisamos mapear os famintos nas cidades. A gente não pode pensar apenas no semi-árido, porque acho que mais grave que no Jequitinhonha é na periferia das grandes cidades, e vou explicar o porquê. Porque o coitadinho que está passando fome lá no Vale do Jequitinhonha ou lá em Afogadas de Ingazeiro, Humberto, está passando fome, mas está lá, e vai ficar lá passando fome. Aqui, na grande cidade, um moleque de 16, 17 anos com fome, desesperado, passa a ser uma vítima quase fatal do crime organizado, do narcotráfico e da bandidagem.

Então, é urgente que a gente leve em conta essa necessidade. E nós temos mais potencial nas grandes cidades. Imaginem quantos sindicatos a CUT tem em São Paulo. Coloquem esses companheiros para fazer esse trabalho. Imaginem quanto tem a CGT, a Força Sindical. Imaginem quantas Pastorais tem a Igreja Católica. Imaginem o trabalho que pode ser feito de levantamento ou mapeamento, e a pessoa, ao invés de ir a uma fila pegar alimento, poderá receber na sua casa essa cotinha de alimento ou o vale.

Esse é um desafio que temos que resolver logo. Não podemos deixar passar muito tempo. Está bem?